



## DIÁLOGO E CULTURA DO ENCONTRO: UM ITINERÁRIO CRISTÃO EM TEMPOS DE FUNDAMENTALISMO (Dialogue and meeting culture: a Christian itinerary in fundamentalism times)

**Pedro da Silva Morais**  
Mestrando em Teologia pela PUC/SP  
E-mail: [pe.pedro@misericordia.com.br](mailto:pe.pedro@misericordia.com.br)

### RESUMO

O presente artigo, de início, propõe uma reflexão sobre o fundamentalismo e suas ameaças na vida dos seguidores de Jesus, sobretudo frente a uma sociedade em que o imediatismo e a “globalização da indiferença” tem se alastrado. A seguir, identifica e analisa algumas características do agir de Jesus que revelam, em suas próprias atitudes, os verdadeiros valores da vida, a verdadeira “beatitude” do homem, a partir do encontro com o outro, um movimento dialógico que gera espaço de conhecimento recíproco, acolhimento e escuta. Aplicando essa análise, mostra que há grandes riscos entre os cristãos, seguidores de Jesus, de viver sua fé, construindo um edifício fundamentalista, sustentado não por uma sólida hermenêutica das realidades humanas, mas por um sistema rígido doutrinário que contraria a mensagem transmitida por Jesus: a misericórdia, que gera espaço de diálogo e acolhimento.

**Palavras-chave:** Diálogo; Fundamentalismo; Cultura do Encontro; Cristianismo.

### ABSTRACT

This article presents at first a reflection on fundamentalism and threats in Jesus' followers' lives, especially in a society where the immediacy and the "globalization of indifference" has raged. Then identifies and analyzes some features of the acting of Jesus that reveal in their own attitudes the true values of life, true "blessedness" of man, from the encounter with the other, a dialogic movement that generates mutual understanding space, welcoming and listening. Applying this analysis, it shows there are great risks among Christians, Jesus followers, to live their faith, creating a fundamentalist building, sustained not by a solid hermeneutic of human realities, but by a rigid doctrinal system that opposes the message conveyed by Jesus: mercy, which generates dialogue and welcoming space.

**Keywords:** Dialogue; Fundamentalism; Meeting Culture; Christianity.

### INTRODUÇÃO

Em tempos marcados pela globalização e pelo pluralismo religioso, instaura-se na nova dinâmica da modernidade, muitas vezes, um clima de incerteza que influencia os cristãos, homens e mulheres no seu jeito de pensar e ver o mundo. O “fundamentalismo” caminha contrário à modernidade crítica, secularizada, individualizante e pluralizada, como também numa reação à modernidade ocidental, liberal e tecnocrática. Como compreender os



fenômenos que se apresentam na história, procurando interpretá-los sem se dispor contrário ao seu rumo?

Dar continuidade à proclamação do Reino de Deus revelado por Jesus é a missão dos seus seguidores. Essa missão tem como centro e essência a mensagem do Deus que manifestou o seu amor em Cristo morto e ressuscitado.

Através do diálogo e do encontro com o outro, a mensagem da “Boa Nova” de Jesus se torna mais conhecida, autêntica e sempre nova. A proposta desta reflexão é pensar sobre o diálogo e a cultura do encontro como vias de transmissão do anúncio de Jesus Cristo em tempos de fundamentalismo.

O fundamentalismo é uma ameaça ao autêntico anúncio da mensagem do evangelho? Como reagir ao abalo provocado pelas crises do mundo moderno nas comunidades de fé e em suas convicções?

## **1. O FUNDAMENTALISMO: ORIGENS E AMEAÇAS**

O termo "fundamentalismo" nasceu em contexto religioso, tem perpassado a reflexão de distintos pensadores nas últimas décadas, um fenômeno relativamente recente, com nicho encontrado no protestantismo norte-americano, surgido nos meados do século XIX<sup>1</sup>. A corrente fundamentalista, nascida no seio do cristianismo protestante, surgiu como reação à globalização, o pluralismo e o liberalismo teológico, assumindo como bandeira as ideias de inerrância bíblica, de escatologia milenista e antiecumenismo<sup>2</sup>. Até a época da Reforma, a Sagrada Escritura era tida como um acervo sem erros que contém a revelação divina<sup>3</sup>. Pausadamente, começam a emergir, na modernidade, maneiras diferentes de ler e compreender o texto bíblico. A exegese bíblica vai se tornando histórica e, em seguida, crítica, despontando o intuito de distinguir entre histórias puramente imaginadas, inventadas, e histórias reais, verificáveis<sup>4</sup>.

Começa a despontar uma teologia que quer entrar em diálogo com a modernidade, usufruindo de todo racionalismo possível para explicar, de forma significativa, a revelação divina ao homem desta “era de modernidade”. Sobretudo teólogos como Albert Ritschl, Otto Pflleiderer, Adolf von Harnack e Ernst Troeltsch irão desenvolver a teologia liberal. Esse liberalismo teológico parte do seguinte postulado fundamental: “O cristianismo deve reconciliar-se com o mundo moderno, isto é, com o seu naturalismo científico, com o seu racionalismo moral, com

---

<sup>1</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: A globalização e o futuro da humanidade*, Rio de Janeiro, Sextante, 2002, p.12.

<sup>2</sup> Cf. TEIXEIRA, Faustino. O diálogo em tempos de fundamentalismo religioso. *Convergência*, v. 37, n. 356, (2003) 495-506.

<sup>3</sup> HARTLICH, Christian. Estará superado o método histórico-crítico? *Concilium*, Petrópolis, v. 158, n. 8, 1980, p. 5.

<sup>4</sup> HARTLICH, Christian. Estará superado o método histórico-crítico? ..., p. 7



a sua democracia política. O cristianismo deve assimilar todo o valor positivo da modernidade, o que o tornará mais puro, mais autêntico”<sup>5</sup>.

Muitos teólogos protestantes se posicionaram contrários à teologia liberal e à utilização do método histórico-crítico para interpretar os escritos sagrados, apresentando sérios riscos às verdades afirmadas e defendidas pelo cristianismo durante todos os séculos.

Portanto, podemos caracterizar o fenômeno fundamentalista em quatro elementos essenciais em suas várias formas: o princípio da inerrância, o princípio da astoriedade, o princípio da superioridade e o primado da fundação da identidade de um grupo.

O princípio da inerrância postula que o Livro Sagrado deve ser assumido em sua totalidade, pois esse Livro não contém erros [...], o princípio da astoriedade propõe que a verdade do livro deve ser mantida em sua forma original, pois a razão humana não tem competência para interpretar e atualizar a mensagem religiosa [...] O princípio da superioridade estabelece que a lei divina é muito superior à lei terrena, daí deduzir do livro sagrado um modelo de sociedade perfeita [...] e o primado do mito da fundação da identidade de um grupo (ou de um povo) define a coesão que une todos os crentes a um sistema de crenças capaz de reproduzir na cidade terrena o modelo de sociedade proposto no livro sagrado<sup>6</sup>.

Assim, podemos afirmar que o fundamentalismo, como “movimento ou atitude”, é sustentado não por uma sólida hermenêutica e sim por um rigorismo doutrinário. A sua abrangência na sociedade atual ultrapassa o universo religioso e já ocupa o espaço da política e da economia, carregando consigo um traço claramente ideológico. Sua utilização tem servido para justificar atitudes religiosas fanáticas. Este fenômeno não é em si uma doutrina, mas uma forma de interpretar e viver a doutrina, caracterizado pelo fechamento na própria “autossuficiência” dogmática, afirmando que vale apenas a sua verdade, conferindo um caráter absoluto aos seus pontos de vista. Portanto, faz-se necessário questionarmos: como entender que grupos humanos possam se dispor contrários ao rumo da história?

A modernidade é cunhada pela dependência de toda a experiência do mundo da ciência; o fundamentalismo, em contrapartida, é caracterizado pela inimizade à ciência e à razão. Na modernidade, valem formas universalistas de fundamentações morais e jurídicas; os fundamentalistas não têm escrúpulos em estender as pretensões de vigência das suas normas para além do círculo da sua confissão. Na modernidade, as artes são autônomas; no fundamentalismo, elas são conduzidas pelas rédeas de uma moral definida em termos religiosos. Na modernidade gerencia-se e administra-se conforme padrões formal-rationais; a economia e a administração política são organizadas sob a dominação fundamentalista, segundo critérios da tradição. Na modernidade, as orientações religiosas são privadas; os fundamentalistas utilizam os princípios religiosos sem mediações para o dimensionamento da ordem público-política. A modernidade é caracterizada pela

<sup>5</sup> COMBLIN, José. *Teologia da libertação, teologia neoconservadora e teologia liberal*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 33.

<sup>6</sup> PACE, E. STEFANI, P. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 20-21.



criação do indivíduo por si mesmo; os fundamentalistas querem reintegrar o indivíduo numa ordem estamental previamente dada pela tradição<sup>7</sup>.

Marcado pela recusa de interação com o outro, o diferente, pela rejeição de qualquer parcela de verdade presente em outras correntes de pensamentos ou crenças religiosas, o fundamentalismo pode levar a uma mera instrumentalização da religião para afirmar um “poder particular” com respeito aos outros. Por isso, podemos sublinhar que nenhuma religião está livre das disfunções institucionais, dos enrijecimentos particularistas e insulamentos dogmáticos, correndo sempre o risco de viver o rigorismo, presumindo obter “a verdade”.

Os fundamentalistas não toleram outra verdade, defendem uma formulação particular dos seus conteúdos e não aceitam nenhuma crítica, estando muito mais interessados em guardar seu conjunto de “ideias”, sua “doutrina”, negando qualquer tipo de interpretação atualizada que pode colocar em risco a sua “verdade original”.

Fundamentalismo não é uma doutrina. Mas uma forma de interpretar e viver a doutrina. É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, que obriga a contínuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade essencial. Fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista<sup>8</sup>.

Assim sendo, o destino do fundamentalismo é a intolerância. A intolerância é geradora de desprezo do outro; o desprezo gera a agressividade, e por fim, a agressividade gera as guerras contra o erro a ser combatido e exterminado<sup>9</sup>. Frente à globalização, o pluralismo e o relativismo apresentados na modernidade, nos grandes questionamentos ou dúvidas nascem os frequentes sentimentos de insegurança, que muitas vezes são respondidos com atitudes defensivas ou ofensivas, gerando, portanto, afirmações ortodoxas ou conservadoras. O “diferente” corre o risco de ser tratado como um problema e no “discurso dos diferentes” podem ser eliminados.

No cenário atual dos seguidores de Jesus Cristo, os fundamentalismos encontrados evidenciam, em algumas medidas, traços típicos que podem ameaçar o verdadeiro itinerário proposto por Jesus em seus discursos registrados nos Evangelhos: o fechamento ao outro, o fideísmo e a imposição das próprias verdades de fé<sup>10</sup>.

## **1.1 O FECHAMENTO EM SI MESMO**

Sabemos que a essência do cristianismo está centrada no mandamento do amor a Deus e ao próximo (cf. Jo 15,12-17), uma vivência humana que favorece a dinâmica da solidariedade e

<sup>7</sup> MEYER, Thomas. Fundamentalismo, rebelião contra a modernidade (1989) apud DUBIEL, Helmut. O fundamentalismo da modernidade. In: BONI, Luiz A. de (org.) Fundamentalismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 15.

<sup>8</sup> BOFF, Leonardo. Fundamentalismo..., Rio de Janeiro, Sextante, 2002, p.25

<sup>9</sup> Cf. Ibidem p. 25

<sup>10</sup> Cf. PAINE, Scott Randall. Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso. Horizonte, v. 8, n. 18, (2010) 9-26.



da compaixão<sup>11</sup>. Não se compreende um cristianismo fechado em si mesmo que não pratique essa virtude do amor, um dinamismo de saída para o encontro do outro.

O fechamento em si mesmo pode levar ao esquecimento da própria essência<sup>12</sup>, a inverter a sua finalidade, tornando a vida resistente à correção, não inclinada ao diálogo, à simpatia e até à empatia com pessoas de posições contrárias ou alheias. O fechamento de uma pequena comunidade de fé pode transformá-la em “gueto”. Portanto, um subjetivismo fechado é um grande perigo, produz imaturidade e apego à sua verdade como única e suprema certeza, vivendo, assim, um *fideísmo*.

## 1.2 O FIDEÍSMO

O fideísmo faz oposição ao conhecimento filosófico, às ciências, ao senso crítico que possibilita uma dialética entre fé e razão. Porém, sem diálogo com a razão não há questionamentos.

O fideísmo, que não reconhece a importância do conhecimento racional e do discurso filosófico para a compreensão da fé, melhor, para a própria possibilidade de acreditar em Deus. Uma expressão, hoje generalizada, desta tendência fideísta é o “biblicismo”, que tende a fazer da leitura da Sagrada Escritura, ou da sua exegese, o único referencial da verdade<sup>13</sup>.

Nessa perspectiva, portanto, o fideísmo é uma atitude que gera desprezo ou a desconfiança pelo valor da razão, recorrendo à fé ou à Revelação para fundamentar algumas verdades. Torna-se, agora, uma questão não apenas psicológica, mas também epistemológica.

A partir do ponto de vista epistemológico, faz-se necessário o diálogo que pressupõe o direito de discordância, a liberdade de fala e exposição e a caridade de escuta do outro.

## 1.3 IMPOSIÇÃO DAS PRÓPRIAS VERDADES DE FÉ

Uma vivência cristã fechada em si mesma, carregada pela recusa da novidade pode esconder as “raízes autênticas da sua existência”<sup>14</sup>. Mesmo em tempos de globalização intensificadora, os seguidores de Jesus não podem deixar de permanecer abertos à interrogação ou ao discurso sobre os valores apresentados por Jesus nos evangelhos. O amor pela verdade deve ser a marca do caminho da vida cristã. Contudo, se as verdades cristãs se negarem a dialogar e analisar a coerência da sua fé e do seu pensamento, vive-se, portanto, um fundamentalismo.

<sup>11</sup> TEIXEIRA, Faustino. O diálogo..., *Convergência*, v. 37, n. 356, (2003) 495-506.

<sup>12</sup> O homem não é autossuficiente, não se basta, é um ser relacional, necessita do outro. Na busca de descobrir o verdadeiro sentido da vida, a questão de Deus surge como algo que dá fundamento e sentido à sua existência. In LUCAS, Ramón Lucas. *El Hombre Espiritu Encarnado: Compendio de Filosofia del Hombre*. Ediciones Sigueme: Salamanca, 2005, p. 175.

<sup>13</sup> JOÃO PAULO II, Papa. *Fides et Ratio*. São Paulo: Paulinas, 1998. n. 55.

<sup>14</sup> DERRIDA, Jacques. VATTIMO, Gianni (Org.) *A religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 92-93.



Sem dúvidas, Jesus é para os cristãos o modelo de diálogo e acolhimento. Ele não abre mão da sua identidade, da sua missão, não apresenta uma verdade relativa, nem tem medo de confrontos e da verdade do outro. Ele expõe a verdade do Pai, o anúncio do Reino<sup>15</sup>, sem imposição, apenas propõe o caminho de uma nova vida.

## 2. JESUS: MESTRE DE ESCUTA E DIÁLOGO

A partir dos relatos do Novo Testamento, abordados numa hermenêutica dos textos, Jesus Cristo é apresentado como "Mestre" [διδασκαλος]<sup>16</sup> e "Senhor" [κύριος], Ele falava e agia a partir da profundidade de si mesmo, no relacionamento de intimidade manifestado em sua vida num conhecimento exclusivo do Pai (cf. Mt 11,25-27; Lc 10,21ss) e adesão profunda de si, vivida na força do Espírito, fazendo daqueles que O encontravam participantes de seu conhecimento (cf. Mt 13,11). Ao longo de sua missão, Ele apresenta um Deus diferente, comprometido com os pobres e oprimidos, que não está preso a normas religiosas, um Deus misericordioso que ama sem reservas, um Deus compaixão<sup>17</sup>. Jesus é "o filho" [ὁ υἱός] que compartilha dos segredos do Pai<sup>18</sup>.

Jesus é modelo de escuta, diálogo e anúncio, mostra ao homem a verdadeira natureza do Pai e transforma toda falsa religião na lei do amor e em atos de misericórdia. Insere-se no meio do povo, vivendo como alguém do povo, conhecia sua história, seus desafios e esperanças. Uma maneira simples de encontrar-se com aqueles de seu tempo, proporcionando atenta escuta aos pedidos dos leprosos, dos cegos, da mulher que sofria do fluxo de sangue, daqueles que estavam ao seu redor. Ao se encontrar com os fariseus e doutores da Lei, dialogava sem medo dos confrontos, propondo apurada reflexão sobre o acolhimento e aceitação do outro, a importância da misericórdia que extingue o legalismo gerador de exclusão e sofrimento.

Podemos extrair algumas imagens dos quatro Evangelhos que nos apresentam o itinerário de Jesus, estabelecido pelo encontro e diálogo. Para segui-lo mais de perto, convida homens fracos, chama Levi, cobrador de impostos (cf. Mc 2,13-17) e também Judas, um traidor (cf. Mc 14,44-45). Entra na casa de Zaqueu, tido como pecador, homem injusto (cf. Lc 19,1-10),

<sup>15</sup> Jesus é o mestre itinerante que ensina tanto com suas palavras, como com seu exemplo. Ele elaborou um plano progressivo, com seus objetivos concretos e uma metodologia definida. Sua missão é salvar o homem de qualquer tempo ou latitude, Ele sintetiza sua missão em cinco pontos quando na sinagoga de Nazaré apresenta o seu plano de trabalho: O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu e enviou-me para: anunciar a Boa Nova aos pobres, proclamar a libertação aos cativos, dar vista aos cegos, por em liberdade os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor (Cf. Lc 4, 1-19). Sua meta é instaurar o Reino. Jesus percorria as cidades, ensinava nas sinagogas, curava enfermos e sua pregação central era apresentar o Reino do Pai. In FLORES, José H. Prado. Formação de discípulos. São Paulo: Loyola, 1996, p.16.

<sup>16</sup> Cf. Mt 8,19; 12,38; 19,16; 22,16; 22,24; 22,36; 9,11; 17,24. Mc 4, 38; 5, 35; 9,17; 9, 38; 10,17.20; 10,35; 10, 51; 12,14; 12,19; 12,32; 13,1; Lc 3,12; 7,40; 9,38; 10,25; 11,45; 12,13; 18,18; 19,39; 20,21; 20,28; 20,39; 21,7. Os termos que correspondem à palavra *mestre* que aparecem nos Evangelhos sinóticos relacionados com Jesus são: διδασκαλος (didáskalos), επιστατης (epístates), ραββι (rabbí) e ραββουνι (rabbuni).

<sup>17</sup> A palavra compaixão é derivada das palavras *pati e cum*, que juntas significam: sofrer com quem sofre. In XAVIER, Donizete J. A Teologia da Santíssima Trindade: a kénosis das pessoas divinas como manifestação do amor e da misericórdia. São Paulo: Palavra & Prece, 2005, p. 35.

<sup>18</sup> Cf. ARENAS, Octavio Ruiz. Jesus epifania do amor do Pai. São Paulo: Loyola, 1995, p.104.



admira-se pela fé de um oficial romano (cf. Mt 8,5-11) e pela fé de uma pagã siro-finícia (cf. Mt 15,21-28), encontra uma mulher samaritana e aponta o caminho para chegar ao coração dos que buscam a Deus (cf. Jo 4,5-42), encontra uma mulher adúltera e a convida a uma nova vida (cf. Jo 8,7-11), acolhe os gregos que queriam falar com Ele (cf. Jo 12,20-22), restitui a visão ao cego Bartimeu (cf. Mc 10,46-52) e escandalosamente toma o samaritano como arquétipo de amor desinteressado ao próximo, amor que carrega a capacidade de identificação e aproximação do outro (cf. Lc 10, 29-37).

Jesus se revela como uma testemunha autêntica do amor infinito de Deus Pai pelos homens (cf. Jo 8,40). A partir do diálogo e do encontro com o outro, Ele se dá a conhecer com suas próprias atitudes, os verdadeiros valores da vida, a verdadeira “beatitude” do homem.

### 3. O DIÁLOGO E A CULTURA DO ENCONTRO

Vivemos em tempos marcados pela diversidade, um cenário que perde suas forças na atitude de solidariedade e o intolerável se torna indiferença, incapaz de reagir ao “desgaste da compaixão” que cresce a cada momento. Um mundo repleto de pessoas que glorificam alegremente seus heróis e diabolizam seus inimigos<sup>19</sup>, acenando a uma “cultura de litígio”, um contra o outro, o que tão bem conhecemos por “guerra fria”. Portanto, nesta dinâmica de impermeabilidade aos valores da alteridade, torna-se mais que urgente o desafio do diálogo<sup>20</sup>.

Como vimos, Jesus é nosso referencial na busca de estabelecer o diálogo no encontro com o outro. Assim, a proposta cristã baseia-se nessa vocação relacional do homem, que necessita do “sair de si” ao encontro do “diferente de si” para sua autorrealização. Tal como na proposta essencial deixada por Jesus no Evangelho, que consiste no amor a Deus e ao próximo, o Reino de Deus que Jesus apresenta é uma realidade comunitária que se consolida na dinâmica do “amor recíproco” e da “vivência de um nós”, a partir do reconhecimento de um “tu” personificado na figura do próximo de quem fala o Evangelho.

São Gregório Nanzianzeno (séc. IV) afirma que o ser humano fora criado no íntimo de Deus e fora chamado à existência como interlocutor de Deus, dado que o homem não é a Palavra por excelência e sim alguém para quem Deus eternamente dirigiu a sua Palavra criadora. Criado pela Palavra, o ser humano é um ser de “realidade dialógica” ou, ainda, um ser “capaz de responder”.<sup>21</sup>

Permanece o convite e o desafio essencial à abertura ao outro, ao diferente, itinerário de mútua compreensão e recíproco enriquecimento. O encontro com o diferente exige respeito, paciência, escuta e serviço, isenção de falas normativas e imperativas que carregam imposições de suas próprias convicções. A cultura do encontro prioriza o relacionamento igualitário, um espaço de crescimento e amizade que nasce da proximidade. Por isso, só a

<sup>19</sup> Cf. GEERTZ, Clifford. Novo olhar sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 84.

<sup>20</sup> TEIXEIRA, Faustino. O diálogo..., Convergência, v. 37, n. 356, (2003) 495-506.

<sup>21</sup> Cf. RUPNIK, M. Ivan. Para Uma Antropologia de Comunhão. Vol. I. Bauru: Ed. EDUSC, 2005, p. 89.



proximidade nos faz amigos e nos permite apreciar profundamente os valores do “outro”, no seu hoje, com seus legítimos desejos e seu modo próprio de viver a fé<sup>22</sup>.

Como estabelecer um diálogo como forma de encontro, na busca de consenso e de acordos, preocupando-se por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões?

Aprendemos a demarcarmo-nos do Outro e do Estranho como se fossem ameaças à nossa integridade, mesmo que ninguém saiba em que consiste essa integridade. Temos medo da mudança, medo da desordem, medo da complexidade. Precisamos de modelos para entender um universo (que é, afinal, um pluriverso ou um multiverso) e que foi construído em permanente mudança, no meio do caos e do imprevisível. Esses modelos simplificam o que só pode ser entendido como entidade complexa e complicam o que só em simplicidade pode ser apreendido. Temos medo dos que pensam diferente e mais medo ainda daqueles que são tão diferentes que achamos que não pensam. Vivemos em estado de guerra com a alteridade que mora dentro e fora de nós. Esse é o defeito original das fronteiras que fabricamos<sup>23</sup>.

Na *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, vê-se que na sua forma e linguagem, o modo de comunicar-se envolve, primeiramente, um processo dialogal. Há uma preocupação acerca do “diálogo e a cultura do encontro”. Ele afirma que para escrever o texto, “consultou várias pessoas” (EG n.16). E continua: “Não convém que o papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que sobressaem nos seus territórios” (EG n.16). Há elemento dialogal inovador no documento, pois, ao longo do texto, o Papa não apenas não quer substituir os episcopados, mas também busca dialogar com eles, citando vários documentos de outras Conferências Episcopais.

Portanto, as palavras do Papa Francisco estão muito embebidas na tensão entre encontro, diálogo e anúncio. São temas marcantes que caracterizam os seus discursos à Igreja Católica nestes primeiros anos de pontificado. Nesta *Exortação Apostólica*, ele diz: “sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos” (EG n.87). Para estabelecermos a comunhão, é preciso ultrapassar as barreiras dos conflitos e considerarmos o outro na sua dignidade mais profunda. Na construção de uma amizade, faz-se necessário ter a compreensão de que “a unidade é superior ao conflito”, afirma o Papa Francisco (EG n.228).

O início da “cultura do encontro” está no encontro com Deus, Pai das Misericórdias, revelado por Jesus, fonte de toda ação evangelizadora da igreja. Todo cristão experimenta que o Senhor tomou a iniciativa e precedeu-o no amor, e este amor lhe devolve o sentido da vida (cf. 1Jo 4,10). “Como poderá conter o desejo de comunicá-lo aos outros?” (EG n.8)

O Papa Francisco apresenta uma Igreja que precisa viver “em saída”, tomando iniciativa e viver com suas portas abertas. É chamada a ir em frente, sem medo ao encontro do outro, procurando os afastados e chegando às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos, revelando o Amor do Pai Misericordioso apresentado por Jesus. “A Igreja é

<sup>22</sup> Cf. DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus-Paulinas-Edições CNBB, 2007. n.398.

<sup>23</sup> COUTO, Mia. Repensar o Pensamento, redesenhando fronteiras. IN: MACHADO, Cassiano Elek. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2003. p.197



*chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos desta abertura é ter, por todo o lado, igrejas com as portas abertas” (EG n.47) aos diversos “outros” do mundo. E a verdadeira abertura, segundo o Papa, é “conservar-se firme nas próprias convicções mais profundas, com uma identidade clara e feliz, mas disponível para compreender as realidades do outro, sabendo que o diálogo pode enriquecer a ambos” (EG n.251).*

Trata-se de algo complexo e difícil, missão parcimoniosa, consciente de que no anúncio do evangelho não dá para “seduzir” e “hostilizar” ao mesmo tempo: é preciso dialogar, encontrar-se com o outro, sem entrar na “lógica dos rótulos”. Por trás das palavras e ideias existem pessoas, existem vidas. Sem dúvidas, a falta de diálogo nos impedirá de viver a verdade e a vida verdadeira prometida por Jesus (cf. Jo 10,10).

## CONCLUSÃO

Diante de um “êxodo eclesial”, a missão dos cristãos torna-se cada vez mais desafiadora, convidada a rever os seus paradigmas, aprofundar e empenhar-se em favor do diálogo e a cultura do encontro, ou seja, “aceitar os outros, na sua maneira diferente de ser, de pensar e de se exprimir” (EG n.250). Seu exemplo missionário é Jesus, aquele que não se negava a ouvir o outro, sem medo dos confrontos e da verdade.

É notável que o homem moderno, com toda sua racionalidade, tem mergulhado sua vida numa forma de sociedade egoísta, tecnicista, capitalista, onde o valor do ser humano fica em último lugar. É conduzido, às vezes, até forçado a repensar seus planos, projetos, ideais, frente às misérias provocadas por suas ações. Hoje, as pessoas parecem ser tratadas numa “cultura do descartável”, mortes em massa, miséria, fome, um pequeno retrato da nossa situação precária contemporânea. Sem muito esforço, a própria ineficácia da ação humana ensina a precariedade do conceito: homem.

Em meio à desordem desta modernidade, o tema do diálogo e a cultura do encontro em tempos de fundamentalismos interpela os cristãos deste tempo a terem consciência de que não vivem sozinhos e que este mundo exige deles uma responsabilidade com o Outro. É preciso recuperar o sentido humano do diálogo, como práxis da vida cristã, como condição de aproximação e identificação com o outro, a exemplo do Bom Samaritano (Cf. Lc 10,29-37). Na sociedade crescem suas capacidades de manejo, de criação instrumental e tecnológica, como bem sublinhamos, mas o homem, em contrapartida, parece perder a disponibilidade de relacionar-se e conviver de forma solidária com os seus semelhantes.

Enfim, faz-se necessário aproximar-se das diversas realidades humanas, conhecê-las e acolhê-las. Assim, vivendo a alteridade, construir uma sólida hermenêutica isenta de fundamentalismos. Sem riscos, a mensagem cristã pode ser autêntica se viver a mensagem transmitida por Jesus: a misericórdia, que gera espaço de verdade, diálogo e acolhimento.



## BIBLIOGRAFIA

- ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus epifania do amor do Pai*. São Paulo: Loyola, 1995
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: A globalização e o Futuro da Humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- COMBLIN, José. *Teologia da libertação, teologia neoconservadora e teologia liberal*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- COUTO, Mia. *Repensar o Pensamento, redesenhando fronteiras*. IN: MACHADO, Cassiano Elek. Porto Alegre: Arquipelago Editorial, 2003.
- DERRIDA, Jacques. VATTIMO, Gianni (Org.) *A religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus-Paulinas-Edições CNBB, 2007.
- DUBIEL, Helmut. *O fundamentalismo da modernidade*. In: BONI, Luiz A. de (Org.). *Fundamentalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- FLORES, José H. Prado. *Formação de discípulos*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus-Edições Loyola, 2013.
- FREIRE, M. S. Trindade e o Equilíbrio Humano-cosmológico, In: *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo, Vol. 14, nº 57, p. 45-59, out/dez 2006.
- GEERTZ, Clifford. *Novo olhar sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- HARTLICH, Christian. *Estará superado o método histórico-crítico?* *Concilium*, Petrópolis, v. 158, n. 8, 1980.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Fides et Ratio*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- LUCAS, Ramón Lucas. *El Hombre Espiritu Encarnado: Compendio de Filosofia del Hombre*. Ediciones Sigueme: Salamanca, 2005.
- PACE, E. STEFANI, P. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2002.
- PAINE, Scott Randall. *Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso*. *Horizonte*, v. 8, n. 18, (2010) 9-26.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Diálogo e Anúncio*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- RUPNIK, M. I. *Para Uma Antropologia de Comunhão*. Vol. I. Bauru: Ed. EDUSC, 2005.
- TEIXEIRA, Faustino. *O diálogo em tempos de fundamentalismo religioso*. *Convergência*, v. 37, n. 356, (2003) 495-506.
- XAVIER, Donizete J. *A Teologia da Santíssima Trindade: a kénosis das pessoas divinas como manifestação do amor e da misericórdia*. São Paulo: Palavra & Prece, 2005.